



INSANIDADE ALADA

Observando o corpo dele sendo levado por fortes homens funerários em direção à sepultura, Ysmália chorava, recordando-se dos bons tempos que passara com seu grande amor. Nada mais voltaria a ser como antes, não haveria mais passeios durante as tardes de sábado e nem os banhos de mar sob a luz da lua, o amor tinha ido embora junto com aquele garoto moreno, de fala suave, que agora se encontra preso em um mórbido caixão.

Tinha de agüentar homens, mulheres e todos os tipos de pessoas consolando-se, acalmando-se, falando-se que tudo ficaria bem, “você é apenas uma garotinha” – diziam – “ainda há muito o que viver”. Mas nada desse mundo traria sua paixão de volta. Nesse momento, tudo o que queria era fugir. Fugir das pessoas, do cemitério, da sua dor e da sua alma.

Procurando isolar-se, Ysmália corria pela areia fofa da praia, deixando a marca de seus pequenos pés impressa nela. Corria depressa, cabelos castanhos ao vento, tentando alcançar algo que não sabia ainda o que era. Sua cabeça dava nos inexplicáveis, sufocando sua respiração e afogando-a em lágrimas.

Até que avistou a torre. Com as pernas trêmulas e a respiração ofegante, a garota subia cada degrau apoiando-se nas paredes úmidas. Lá, estaria em paz. Do alto da torre, avistava a imensidão do mar e do céu, ambos em tom azul escuro. E começou a sonhar. Sonhar e cantar. Sonhar, cantar e imaginar que um dia encontraria novamente seu grande amor.

Assim, sua mente já não controlava mais seus atos. Ysmália, apoiando-se na mureta da torre, abriu os braços, buscando a libertação daquele sofrimento. Num salto, a garotinha pôde contemplar, por segundos, a beleza do céu e do mar...

Juliana Barbi Almeida
1999